



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

REGINALDO BORGES BARBOSA

**A TEORIA E A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO
ESCOLAR NO DISCURSO DOS PROFESSORES**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

REGINALDO BORGES BARBOOSA

**A TEORIA E A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO
ESCOLAR NO DISCURSO DOS PROFESSORES**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Ms. Ana Patrícia Frederico Silveira

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238t Barbosa, Reginaldo Borges
A Teoria e a prática da avaliação escolar no discurso dos professores [manuscrito] / Reginaldo Borges Barbosa. - 2014.
35 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Prof. Ana Patrícia Frederico Silveira, Departamento de Letras".

1. Avaliação escolar. 2. Exame. 3. Prova. I. Título.

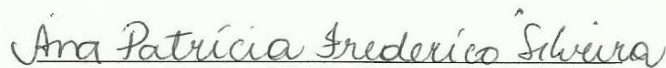
21. ed. CDD 371.27

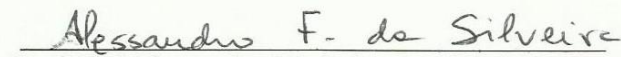
REGINALDO BORGES BARBOOSA


A TEORIA E A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO
ESCOLAR NO DISCURSO DOS PROFESSORES

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06 / 12 / 14


Profª Ms. Ana Patrícia Frederico Silveira/UEPB
Orientadora


Profª Drº Alessandro Frederico da Silveira/UEPB
Examinador


Prof. Drª. Morgana Ligia de Farias Freire/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha filha, Lizandra Bezerra Barbosa, por
representar o sentimento de amor na minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Ana Patrícia Frederico Silveira, minha orientadora, por ter me ajudado e me incentivado quando eu pensei em desistir.

Ao meu pai Severino do Ramo Barbosa, a minha mãe Luciana Gomes Barbosa, a minha avó Juvenete Borges Barbosa, aos meus irmãos Roney Allysson Gomes Barbosa e Referson Gomes Barbosa, por sempre me apoiarem.

Ao meu avô, João Dionízio Gomes (in emoriam), embora fisicamente ausente, continua presente nos meus momentos de tristezas e alegrias.

Todo saber que não é aplicado para o bem da
humanidade, torna-se inútil.

Auro de Jesus Rodrigues

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de campo com aplicação de questionário a professores da E.E.E.F.M. professor Raul Córdula, localizada na cidade de Campina Grande, realizada em novembro de 2014. O tema da investigação é a avaliação escolar. A avaliação, que muitas vezes é, equivocadamente, denominada por provas/testes ou exames, não pode ser vista apenas como o ato de verificar a capacidade de memorização dos alunos e muito menos de selecionar os “bons”, como vem sendo, por muitos anos, confundida. A avaliação precisa ser encarada como forma de fazer com que o aprendizado se torne pertinente a todos os alunos, e não como forma de exclusão ou reprovação. Esta pesquisa sobre o tema em foco, a saber, avaliação, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos professores para colocar em prática formas de avaliações que superem o tradicionalismo das provas, estas ainda bastante utilizadas como principal mecanismo de avaliação. Diante da investigação do processo histórico por qual passou o conceito de avaliação, das pesquisas de autores que são especialistas no assunto e das respostas dos professores que estão em sala de aula, podemos constatar que a avaliação escolar é assumida no discurso dos professores como parte integrante do processo ensino aprendizagem, mas que neste mesmo discurso ainda encontramos a presença da concepção tradicional da avaliação, principalmente quando citam a prova como instrumento para medir o que o aluno aprendeu.

Palavras-chave: Avaliação Escolar, Exames, Provas, Educação e Escola.

ABSTRACT

This work is the result of a questionnaire with field research to E.E.E.F.M. Professor Raul Cordula, located in the city of Campina Grande, held in November 2014. The theme of the research is the school evaluation. The assessment, which is often mistakenly called by evidence / tests or examinations, can not be seen only as the act of checking the storage capacity of the students, let alone select the "good", as it has been for many years, confused. The review needs to be seen as a way to make learning becomes relevant to all students, and not by way of exclusion or rejection. This research on the subject in focus, namely evaluation, in view of the difficulties faced by teachers to put into practice forms of assessments that exceed the traditionalism of the evidence, they are still widely used as the main evaluation mechanism. Given the research of the historical process by which passed the concept of evaluation, the research of authors who are subject matter experts and the responses of teachers who are in the classroom, we can see that the school evaluation is assumed in the discourse of teachers as an integral part the learning process, but in the same speech also found the presence of traditional evaluation design, especially when mentioning the test as a tool for media what the student has learned.

Keywords: School Assessment, Examinations, Tests, Education and School.

LISTA DE SIGLAS

E.E.E.F.M. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 BREVE HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL	13
2.2 AVALIAÇÃO NA REALIDADE E SUAS POSSIBILIDADES	18
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	21
3.1 ABORDAGEM.....	21
3.2 CAMPO E SUJEITO DA PESQUISA.....	21
3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	22
4 A PRÁTICA AVALIATIVA ATRAVÉS DO OLHAR DOS PROFESSORES	22
4.1 ABORDAGEM GERAL.....	22
4.2 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “O QUE É AVALIAÇÃO ESCOLAR?”	23
4.3 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “PARA QUE SERVE AVALIAÇÃO ESCOLAR?”	26
4.4 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “QUAIS TIPOS DE AVALIAÇÃO VOCÊ UTILIZA?”	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6 REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES.....	34
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	35

1 INTRODUÇÃO

Toda escola necessita saber o seu desempenho na sua função social, para isso utiliza mecanismos para obter os dados necessários para fazer comparativos, analisar falhas e mudar suas práticas pedagógicas, a fim de conseguir atender às expectativas da sociedade em geral, que é o aprendizado do aluno. Esse tipo de mecanismo capaz de *diagnosticar* chamasse Avaliação.

A avaliação, que muitas vezes é, equivocadamente, denominada por provas/testes ou exames, não pode ser vista apenas como o ato de verificar a capacidade de memorização dos alunos e muito menos de selecionar os “bons”, como vem sendo, por muitos anos, confundida. A avaliação precisa ser encarada como forma de fazer com que o aprendizado se torne pertinente a todos os alunos, e não como forma de exclusão ou reprovação.

Para delinear sobre o assunto, fez-se necessário as falas de alguns teóricos especialistas em avaliação. Entre eles: Hoffman e Luckesi. Este defende a ideia de uma avaliação a serviço da vida, o que ele chama de avaliação amorosa; e aquela, uma avaliação mediadora, onde os métodos mais utilizados seriam o diálogo e o acompanhamento individual com cada aluno. Outro autor respeitado na área é Libâneo, o qual define avaliação da seguinte maneira:

como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades seguintes (LIBÂNEO, 1994, p. 196).

As avaliações não podem ser somente provas pontuais e dados estatísticos sem fundamentos didáticos consistentes, devem superar a visão tradicional da nota. Tal proposta

de superação pode ser vista em Luckesi (2002, p 85) quando diz que: “... a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo”.

Diante destas reflexões, é do nosso interesse desenvolver esta pesquisa sobre o tema em foco, a saber, avaliação, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos professores para colocar em prática formas de avaliações que superem o tradicionalismo das provas, estas ainda bastante utilizadas como principal mecanismo de avaliação.

A ideia de pesquisar sobre avaliação vem da preocupação de saber qual o discurso dos professores e quais as suas práticas avaliativas, o conceito que os professores têm sobre avaliação e apontar referências para encurtar a distância entre teoria e prática.

Saber qual o “olhar do professor” em relação à avaliação é importante porque serve de referência para o debate sobre teoria e prática avaliativa na sala de aula e problematiza a distância entre o que se lê nos livros de didática e o que se realiza no cotidiano escolar no tocante as avaliações. Desta forma os professores podem ser agentes de transformação da sua prática através da reflexão promovida por trabalhos que pautam essa constante busca por modelos de avaliações que sejam cada vez mais presentes no processo de ensino-aprendizagem das escolas brasileiras.

Diante destes objetivos, a nossa pesquisa é classificada como um estudo de campo, com análise qualitativa dos dados apurados. A E.E.E.F.M. Prof^o Raul Córdula como local de realização da pesquisa, sendo 82 o número de professores, funcionando nos turnos da manhã, tarde e noite, com 60 turmas no geral, sendo 20 em cada turno.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL

Para conhecer melhor um tema, é importante um estudo do seu processo histórico, buscando entender as mudanças ao longo do tempo até o estado em que se encontra o objeto de estudo. Em se tratando de avaliação escolar esse “recurso histórico de compreensão” tem importância significativa, sobretudo porque evidencia que o momento histórico influencia na maneira como a educação trabalha o conhecimento e conseqüentemente quais as intenções por trás do modo como eram realizadas as avaliações escolares. A avaliação, na realidade, não é isolada do processo educativo como um todo.

Segundo Luckesi (2005), os exames utilizados no sistema educacional brasileiro são herança do ensino jesuítico e protestante. Ou seja, a avaliação tem suas origens, no Brasil, nos movimentos religiosos.

Hoffman (2013, p. 50) diz que “a teoria da avaliação educacional, no Brasil, sofreu uma grande influência dos estudos norte-americanos”. A partir de 1960, principalmente, foi muito ampla a divulgação da proposta de Ralph Tyler conhecida como “avaliação por objetivos”.

Em 1930, Tyler adotou o termo “avaliação da aprendizagem” tendo como intenção elaborar o conceito de um instrumento para diagnosticar o nível de aprendizagem dos educandos. Depois disso, toda e qualquer atividade cuja intenção fosse verificar o aproveitamento escolar passou a ser chamado de avaliação.

A avaliação escolar passou por um longo processo conceitual e prático antes de ser inserido no debate sobre melhorias do processo ensino-aprendizagem. A forma como os professores e alunos encaravam o antes, o durante e o depois da avaliação difere bastante quando comparamos seu uso na década de 70 e na atualidade. Se antes a avaliação era uma atividade pontual e vista como separada do processo de ensino-aprendizagem, hoje é concebida como parte integrante e inseparável. A avaliação foi vista, por muito tempo, como instrumento característico mais da aferição de memorização do que da aprendizagem.

Não de forma coincidente, a avaliação era pouco discutida na década de 70, como nos relata Alves (2013, p.4):

Até a década de 1970, o tema avaliação não despertava a atenção de educadores, alunos e pais como agora acontece. Ele só começou a ser mais discutido depois que foram criados os conselhos de classe, embora tais discussões se baseassem muito menos em princípios e métodos pedagógicos e muito mais em divergências entre professores sobre os méritos ou deméritos dos alunos e dos professores, enquanto os pais se centravam mais nas 'injustiças' ocorridas durante as avaliações.

Por ser pouco questionada, a avaliação era um ponto praticamente pacífico entre os professores. Os professores, alunos e pais viam a avaliação como um processo paralelo, marcado para ser feito pontualmente, tendo como finalidade a verificação do resultado do esforço ou desinteresse dos alunos. Ao final da avaliação era dada a nota sem discussão de caráter pedagógico e amplo das possíveis causas dos resultados, pois o mau desempenho era visto como culpa dos educandos, como desinteresse ou incapacidade dos alunos e não como possíveis dificuldades de aprendizagem resultantes de diversos outros fatores.

Mas isso não impediu o surgimento, ainda na década de 70, de publicações, questionando o modelo de avaliação vigente. O tecnicismo provocou um direcionamento da educação para formar educando capazes de atender as necessidades das indústrias, isto provocou reações através de, por exemplo, publicações abordando a educação com um olhar

crítico contra a “mecanização da educação”, abordando diversos aspectos da educação em geral e em temas específicos como a inquietação em relação às práticas avaliativas alinhadas aos interesses do tecnicismo.

Esse modelo de avaliação utilizado nas décadas de 60 e 70 é conhecido atualmente como “avaliação tradicional” e ainda está bastante presente no universo escolar, inclusive como forma de “arma” para controlar os alunos. Neste tipo de avaliação, o professor é o juiz e o aluno o responsável por obter êxito ou fracasso nas notas; ela servia para constatar quanto o aluno havia aprendido com base nas aulas dadas pelo professor, normalmente baseadas nos “inquestionáveis” livros didáticos. Assim, era confundida a aprendizagem com a memorização.

Ainda encontramos escolas que usam a avaliação na sua forma tradicional, aplicando provas sem a preocupação com o aprendizado do aluno, mas sim com atribuição de notas. Desta forma, apesar dos avanços em relação ao conceito, a avaliação tradicional continua presente no cotidiano escolar nos dias atuais. Para ALVES (2013, p. 81):

A avaliação tradicional (somativa) pode desencorajar o aluno a se esforçar para aprender, baixar a autoestima e fazê-lo desistir de estudar quando sua nota ou menção é baixa e ele se compara com os alunos de alto rendimento, da mesma forma que esses também o coparam consigo.

Aos poucos, a forma como a avaliação era vista foi mudando, passando de um instrumento meramente mecânico para momentos de reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem. Conforme Alves (2013, p. 8), “Foi a partir da década de 1980 que as novas concepções sobre educação começaram a provocar reflexões no pensamento de vários educadores”.

A avaliação foi, assim, colocada como objeto de pesquisa, debates, questionando-se a sua forma até então assumida, não mais representava exclusivamente o momento pontual de aferição de memorização e verificação do interesse ou desinteresse dos alunos. Alves

(2013, p. 8) afirma que “a avaliação passou a ser objeto de estudo e de tratamento técnico e literário por parte de autores; foram questionados os seus princípios, objetivos, métodos e modalidades de ferramentas (instrumentos) que haviam caracterizado aquele período.”

Hoje, falamos de avaliação diagnóstica, avaliação formativa, avaliação mediadora e tantas outras. Esses termos são bastante utilizados atualmente, mas nos anos 60 e 70 eram desconhecidas essas possibilidades amplas de conceituar a avaliação de aprendizagem.

Nos anos 90, segundo Alves (2013) , os educadores brasileiros passaram a discutir a avaliação através de novos pensadores estrangeiros, buscando novas formas de avaliar, sobretudo alinhadas as novas necessidades criadas. Outras formas de conceituar a avaliação foram apresentadas e evidenciou-se a necessidade de discutir a avaliação atrelada ao processo ensino-aprendizagem; daí o aparecimento, por exemplo, da teoria da complexidade, do Frances Edgar Morin; as relações de competência, do suíço Philippe Perrenoud; a transdisciplinalidade, o currículo por projetos, do espanhol Fernando Hernández e tantos outros. Estes e outros autores provocaram uma “avalanche” de novas possibilidades das avaliações, modificando completamente o conceito tradicional e ampliando as possibilidades do, agora, “processo de avaliar”.

Hoje não tem sentido usar a avaliação para comparar alunos ou exclusivamente para aprovar e reprovar; a avaliação deve ser usada como referência para tomada de decisões que ajudem melhorar o processo ensino-aprendizagem, tanto para o professor como para o aluno. Além do mais, avaliar não é apenas aplicar provas tradicionais, pois o processo avaliativo é amplo. Hoje, falamos em várias formas de avaliar.

Podemos afirmar que a avaliação se tornou elemento integrante do processo ensino-aprendizagem, não mais separada como momento de aferição. O espaço da avaliação no processo de ensino foi ampliado e requer dos profissionais do magistério uma atenção constante, sobretudo porque nos “novos tempos” ela é qualitativa e contínua, além de várias

outras características alinhadas às novas necessidades sociais e visão de educação. O desafio é, na fala de Haffmann (2013, p. 35),

[...] desestabilizar práticas rotineiras e automatizadas a partir de uma tomada de consciência coletiva sobre o significado dessa prática. E esse é um desafio que se tem que enfrentar! O maior dentre os desafios é ampliar-se o universo dos educadores preocupados com o ‘fenômeno avaliação’, estender-se a discussão do interior das escolas a toda a sociedade, pois considerando-se que o mito da avaliação é decorrente da sua histórica feição autoritária, é preciso descaracterizá-la desse feição pensando nas futuras gerações.

Ou seja, a avaliação tradicional não foi completamente superada, a realidade mostra que a discussão sobre uma avaliação formativa, mediadora, diagnóstica e tantas outras denominações produzidas nos debates atuais, tem ganhado cada vez mais espaço na educação escolar, mas as características da avaliação tradicional persistem em existir nas salas de aulas.

Hoje vários estudiosos apontam a preocupação crescente em superar o olhar positivista e classificatório das avaliações realizadas dentro das salas de aulas e o debate propositivo no meio acadêmico no sentido de criar modelos de avaliações que tenham como características o respeito às diferenças, o compromisso com a aprendizagem e a formação da cidadania, como nos fala Haffmann (2009, pág. 15).

Isso mostra que existe um descompasso entre teoria e prática, pois apesar das pesquisas sobre as “novas avaliações”, o crescente debate e a conscientização das novas necessidades escolares por parte significativa dos professores, no cotidiano das escolas, segundo Haffmann (2013, P. 52), “quando se discute avaliação, discute-se, de fato, instrumentos de verificação e critérios de análise de desempenho final”.

Mas não se deve deixar de reconhecer as referências para avanços e tentativas de “fazer acontecer” uma avaliação referendada nos debates e propostas atuais, e que estão em pauta nos cursos de licenciatura, seminários, conferências, palestras com várias teóricos

militantes da educação contemporânea que convergem em sua maioria com as ideias de, por exemplo, Haffmann, quando a mesma afirma que:

Os estudos em avaliação deixam para trás o caminho das verdades absolutas, dos critérios objetivos, das medidas padronizadas e das estatísticas, para alertar sobre o sentido essencial dos atos avaliativos de interpretação de valor sobre o objeto da avaliação, de agir consciente e reflexivo frente às situações avaliadas e de exercício do diálogo entre os envolvidos.

Fica evidente a diferença entre o enfoque de antes e o da atualidade em relação aos estudos, pesquisas, debates sobre avaliação escolar; mas também muito claro que na prática ainda vivemos nos tempos da avaliação tradicional, com alguma superação, porém não o suficiente para garantir que o “tempo da palmatória” foi totalmente superado.

2. 2 AVALIAÇÃO NA REALIDADE E SUAS POSSIBILIDADES

A forma tradicional de avaliar, muitas vezes, não é iniciativa do professor, mas sim das instituições que o obriga a entregar os resultados de seus alunos em forma de números, ou melhor, notas. Isso provoca uma série de equívocos, por exemplo, o de achar que dessa forma está acontecendo de fato uma avaliação.

Confundir provas e exames com avaliação pode levar a escola a reproduzir formas de aprendizado que não fazem mais que apontar o erro, sem concertá-lo. Avaliar é mais que atribuir uma nota a determinada resposta proposta em uma prova, que tem como objetivo único e exclusivo, medir a capacidade de memorização do aluno ao que o professor convencionou como correto em sala de aula. É a capacidade de conduzir o aluno que errou em determinado momento, à sua própria superação, através de uma reflexão sobre as raízes do

erro, buscando uma apresentação adequada de estímulos à aprendizagem, que pode promover caminhos de aprendizagens. Segundo Libâneo (1994. P. 195):

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, compre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Mas as escolas de hoje persistem nas práticas ditas tradicionais, apesar de tantas discussões a cerca da superação da pedagogia tradicional. Uma destas práticas é exatamente o tratamento dado à avaliação, fazendo desta uma ferramenta usada para, somente, atribuição de notas e controle de alunos. Na escola brasileira é praticado exames/provas ao invés de avaliação da aprendizagem. Segundo Lucresi (2003, p. 22) “historicamente, passamos a denominar a prática escolar de aferição da aprendizagem de ‘avaliação da aprendizagem escolar’, mas continuamos a praticar ‘exames’”.

As provas, que assumem erradamente atribuição quase exclusiva de avaliação da aprendizagem, têm por objetivo julgar e classificar, são seletivas e esperam que o estudante consiga responder às questões no aqui e agora e, na maioria das vezes, ignorando o verdadeiro significado da palavra aprendizagem. Segundo Luckesi (2010, p. 33) “a definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”.

As mudanças que vem ocorrendo no mundo, tendo como motivo a chamada globalização, vem trazendo novas dificuldades, essas acabam por provocar uma necessidade de mudança na forma como as escolas avaliam seus alunos, não cabendo mais continuar com práticas tradicionais, sobretudo quando se trata de avaliações.

É preciso um novo olhar acerca do processo avaliativo, visando valorizar o ser humano na sua forma integral, mostrando que existem outros caminhos a serem trabalhados

para a prática da avaliação da aprendizagem, podendo ser humanizada, olhando o sujeito como um ser completo, com suas experiências e conflitos, que seja integradora e inclusiva, valorizando o ser de forma integral e único.

Não podemos mais reproduzir as avaliações do tipo que considera tão somente as notas de provas, pois estas servem mais para julgar, classificar, selecionar e rotular os educandos do que para promover a aprendizagem. Essa seria uma avaliação a serviço da vida, o que Luckesi chama de avaliação amorosa.

Uma resposta ao paradigma da avaliação julgadora, sentenciosa, classificatória, punitiva, também é dada pela professora Jussara Hoffmann. Ela defende um paradigma para a avaliação mediadora. Segundo Hoffmann (1991, p. 51):

Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do ‘transmitir-verificar-registrar’ e evoluir no sentido de uma ação avaliativa, reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca idéias com seus alunos.

O papel do professor na medição da aprendizagem vai muito além das aprovações ou reprovações por notas. Mas mais do que isso o professor deve assumir a tarefa de mediar conhecimentos através de um olhar que perceba o indivíduo. Tal tarefa requer a observação mais detalhada no aluno, refletir a aprendizagem e criação de novas estratégias, sempre que preciso, para atingir objetivos. É o acompanhar a aprendizagem, que para Hoffmann (1994, p. 57):

o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber.

Medir desempenho através de notas de provas sem considerar os caminhos da aprendizagem não desperta nos estudantes o interesse pelo saber. É através da “superação

real” do conceito tradicional enraizado das avaliações, superando a mera transmissão de conteúdos preparatórios para provas, que as avaliações vão servir como instrumento positivo para promoção de conhecimentos na sala de aula.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 ABORDAGEM

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, classificamos a nossa pesquisa como um estudo de campo, através de análise de dados qualitativos recolhidos através de questionário aplicado a professores de uma escola estadual localizada na cidade de Campina Grande.

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (1999, p.21) nos fala que:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis”

3.2 CAMPO E SUJEITO DA PESQUISA

A E.E.E.F.M. Professor Raul Córdula é uma instituição pública de ensino, localizada à Rua Gábio José de Oliveira Araújo, s/n, Bairro do Cruzeiro, Campina Grande, estado da Paraíba.

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para esta pesquisa utilizou-se de questionários (Apêndice A), que, segundo Parasuraman (1991), “um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto”.

O questionário usado nesta pesquisa conta com 5 questões abertas.

4 A PRÁTICA AVALIATIVA ATRAVÉS DO OLHAR DOS PROFESSORES

4.1 ABORDAGEM GERAL

Compreendemos que o nosso cotidiano, nas respostas que damos aos questionamentos, as reações diante das situações, revela a nossa visão de mundo e, especificamente também, representa posicionamentos nas diversas áreas.

Embasado neste entendimento, passamos a analisar as respostas dadas por 10 professores da E.E.E.F.M. Prof^o Raul Córdula, localizada na cidade de Campina Grande, a perguntas de um questionário aberto (APENDICE A) sobre o tema avaliação escolar.

Segundo Gil (1999, p.128) o questionário abarca “questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Neste sentido, conhecer a opinião dos professores sobre avaliação constitui instrumento importante para o embasamento teórico e prático da realidade das avaliações nas escolas.

As perguntas que vão servir de base para a nossa análise são: O que é avaliação escolar? Para que serve avaliação escolar? Quais os tipos de avaliação que você utiliza?

Primeiro iremos tratar da pergunta “o que é avaliação escolar?” em seguida a pergunta “para que serve avaliação escolar?” e por último a pergunta “quais os tipos de avaliação que você utiliza?”.

4.2 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “O QUE É AVALIAÇÃO ESCOLAR?”

São várias as definições da avaliação escolar, algumas combatidas e outras reconhecidas como soluções para o baixo rendimento dos estudantes no processo ensino-aprendizagem; por exemplo, hoje o que se critica de forma praticamente unânime é a chamada avaliação tradicional. Por consequência, cultuam-se as novas formas de avaliar, mas na maioria das vezes os elogios às formas modernas de avaliação escolar limitam-se ao discurso; ou seja, na teoria uma coisa e na prática outra. É claro que devemos reconhecer as dificuldades encontradas pelos professores quando saem da academia e se defrontam com uma realidade que prejudica o “colocar em prática a teoria aprendida”.

Um professor respondeu da seguinte maneira a pergunta em questão:

Refere-se ao momento que é pensado para “medir” o quanto o aluno conseguiu aprender e compreender um determinado conteúdo.

Outras quatro respostas foram dadas da seguinte maneira:

Instrumento para medir a aprendizagem do estudante.

Instrumento que verifica e mede a aprendizagem do aluno.

É o método de verificação de aprendizagem.

Eu considero uma prática de investigação, é procurar identificar possíveis erros nas ações dos alunos no que tange a educação.

Libâneo (1994, p. 200) nos fala que “a avaliação escolar é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, e não uma etapa isolada”, ou seja, para ele a avaliação não consiste em um medir aprendizagem e sim colaborar na aprendizagem. Apesar de constatar que existe a preocupação com a aprendizagem nestas duas respostas colocadas acima, podemos perceber marcas do ensino tradicional nas palavras “momento” e “medir”. As respostas são voltadas exclusivamente como medição da aprendizagem do aluno e não é mencionado o caráter de provocação da reflexão sobre o ensino.

Nas cinco respostas dadas, percebemos o distanciamento do que conhecemos na teoria e o que é aplicado. Segundo Vasconcelos (2005, p.32), “a avaliação que deveria ser um acompanhamento do processo educacional, acabou tornando-se o objetivo deste processo, na prática dos alunos e da escola; é o famoso ‘estudar para passar’”.

A resposta a seguir, dada por um dos professores que participaram da pesquisa, revela “sintomas” da concepção de avaliação como responsabilidade para e do aluno:

Penso que deveria ser um mecanismo de observação da trajetória dos discentes na dinâmica escolar.

Outros responderam a questão de forma mais alinhadas aos novos modelos de avaliação pautados no debate sobre educação.

Avaliação escolar é uma maneira de observar o processo ensino-aprendizagem e como o mesmo pode intervir na vida dos educandos de modo educativo e social.

É uma forma de perceber a apreensão dos sujeitos durante o processo ensino/aprendizagem a fim de compreender seus acertos e suas deficiências, bem como traçar novas metodologias de recuperação.

De acordo com as novas propostas curriculares, à avaliação deve ser entendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional, ela deve ser contínua, formativa e personalizada.

É uma ferramenta pedagógica que deve ser usada para dinamizar o aprendizado. Ela se destina ao diagnóstico do trabalho do professor e ao desempenho do aluno.

Nestas três respostas, podemos elencar termos que aparecem com frequência no atual vocabulário das pesquisas e debates sobre avaliação escolar: processo ensino-aprendizagem, contínua, formativa, personalizada, diagnóstico, dinamizar.

As respostas dos 4 professores comungam com a definição de avaliação dada por Libâneo (LIBÂNEO, 1994, p. 195):

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Podemos constatar que, embora no campo teórico a avaliação tradicional tenha sido superada enquanto modelo a se defendido, ainda encontramos no discurso de professores fragmentos do discurso tradicional de avaliação como medição da aprendizagem. Mas também podemos perceber um discurso mais atualizado com as novas demandas que sociedade impõe as escolas. Segundo Hoffmann (1993, p. 11):

Muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas dentre muitos, desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos. Essa não é apenas a concepção vigente entre os professores, mas a crença de toda a sociedade.

4.3 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “PARA QUE SERVE AVALIAÇÃO ESCOLAR?”

A avaliação tem sido concebida como um fator que ocorre no final do processo; observando tal realidade e trazendo para o campo da educação, fica evidente a necessidade de incorporação real, e não apenas teórica, da avaliação escolar como ferramenta que vigore durante todo o processo de ensino aprendizagem.

Nesta perspectiva pode-se falar em três modalidades de avaliação, a saber, diagnóstica, formativa e somativa.

Cada uma destas modalidades possui sua função específica e é de fundamental importância saber diferenciar quando estamos usando cada uma destas modalidades.

Para Libâneo (1994, p.197), “a avaliação tem pelo menos três funções: pedagógica-didática, de diagnóstico e de controle”. Isso difere bastante da função dada pelo modelo tradicional de avaliação, este caracterizado como momento pontual de verificar o que o aluno “aprendeu” e aquela com funções existe como parte integrante de vários processos que ocorrem durante o ensino e aprendizagem. Nas palavras de Libâneo (1994, p.1996):

A função pedagógico-didática se refere ao papel de avaliação do cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. (...) a função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações

de objetivos. (...) a função de controle se refere aos meios e à frequência das verificações e de quantificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

Passamos a analisar as respostas dadas a pergunta “para que serve avaliação escolar?”

Em três das respostas a pergunta “para que serve avaliação?”, verificamos a citação da função diagnóstica:

A avaliação contribui para diagnosticar problemas de aprendizagem e estabelecer estratégias para tornar o aprendizado mais eficiente.

Serve como um diagnóstico de aprendizagem e todo o conteúdo que foi visto será avaliado através de vários instrumentos (qualitativo e quantitativo)

Serve como diagnóstico da aprendizagem e não deve ser restrita em apenas aplicar provas, pois isso não é o suficiente.

Significa que o professor tem conhecimento dessa função da avaliação escolar e não se limita a pensar somente no diagnóstico da situação de aprendizagem do aluno, pois sugere o estabelecimento de estratégias para aperfeiçoar a aprendizagem. Na primeira das três respostas, podemos identificar a função diagnóstica apontada por Libâneo (1994, p. 197):

A função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. Na prática escolar cotidiana, a função diagnóstica é a mais importante porque possibilita avaliação do cumprimento da função pedagógica-didática e a que dá sentido pedagógico à função de controle.

Sobre a avaliação diagnóstica, Blaya (2007) nos diz que:

Avaliação diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um "rótulo" que se cola sempre ao aluno, mas

sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem.

Ou seja, a avaliação diagnóstica não deve ser realizada para conhecer os bons e os maus alunos em si tratando de conhecimento dos conteúdos, mas sim como oportunidade para refletir sobre a situação e assim possibilitar caminhos para a superação.

Mas no discurso de muitos professores percebemos uma ideia de avaliação escolar limitada ao diagnóstico; é o que podemos ver na seguinte resposta ao questionário referente a pergunta que estamos analisando:

Para avaliar os conhecimentos dos alunos com o propósito de identificar quem absorveu todos esses conhecimentos e de fato obteve habilidades esperadas para o objetivo estabelecido.

Um pouco mais atualizada, porém com uma ideia limitada ao diagnóstico, outro professor sugere o seguinte:

Serve para conhecer o nível de compreensão e dificuldades dos alunos e até como auto-avaliação para o trabalho do próprio professor.

Essas respostas dadas pelos professores não significa necessariamente que eles se limitem ao uso das avaliações apenas como diagnóstico da situação, mas de qualquer forma é um discurso que cria dificuldades para a ampliação do papel da avaliação no processo ensino-aprendizagem. Como sabemos, o discurso é fundamental na elaboração das concepções e práticas na sociedade.

Dentre os professores que responderam o questionário, um respondeu com ideias que se aproximam bastante das funções da avaliação que estamos discutindo:

Serve para conhecer melhor o aluno, aferir o que está sendo aprendido, adequar o processo de ensino e julgar o processo ensino aprendizagem.

Mas também podemos identificar a presença do ensino tradicional em uma das respostas dada por um professor sobre função da avaliação escolar:

Para quantificar e medir a aprendizagem do aluno.

Contrariando essa resposta, verifica-se que os vários debates sobre avaliação escolar como parte do processo ensino aprendizagem têm sido incorporados, como se pode perceber em boa parte das respostas analisadas, no discurso dos professores.

4.4 ANÁLISES DAS RESPOSTAS A PERGUNTA “QUAIS TIPOS DE AVALIAÇÃO VOCÊ UTILIZA?”

Não é preciso fazer uma pesquisa para saber que não são apenas as provas às ferramentas utilizadas pelos professores para avaliar. Hoje a educação deu passos positivos nesta questão e se torna cada vez mais difícil um professor utilizar somente provas para avaliar seus alunos. Até porque o debate tem criado diversas maneiras de avaliar, em sua maioria embasada em conceitos que estão alinhados ao que os pesquisadores têm apontado diversos modelos de avaliações tendo em vista uma educação voltada para a promoção da cidadania.

Das respostas as três perguntas analisadas, as respostas à questão “quais tipos de avaliação que você utiliza?” são as que mais se distancia do modelo tradicional de ensino. As respostas foram dadas na forma direta:

Exercício, discussão orientada e produção de textos.

Avaliação contínua, provas, trabalhos.

Contínua, formativa.

Contínua, provas, exercícios, pesquisas dirigidas, mapas conceituais.

Participação e frequência, provas tradicionais, provas de interpretação textual, seminários.

Avaliação qualitativa, atividades realizadas (vistos), provas.

Provas, trabalhos, seminários, elaboração de revistas, participação em projetos, debates, frequência e atividades contínuas.

Continuada, de forma integral, observando as habilidades, as dificuldades e as possibilidades de compreensão do que esta sendo estudado.

Como podemos perceber as palavras “provas” e “avaliação contínua” apareceram com mais frequência nas respostas dos professores.

As provas citadas pelos professores representam o que mais de atrasado existe entre as várias formas de avaliar e pode receber o título de grande representante do ensino tradicional. As provas podem se apresentar com “tipos de questões”, como por exemplo, a prova ter questões do tipo escrita dissertativa, de questões objetivas, de certo-errado, de lacunas, de correspondências, de múltiplas escolhas e etc. Mas a prova pode e deve ser usada nas avaliações, desde que não seja frequentemente e não sirva como medição pontual da capacidade do aluno de memorização e critério único para aprovação ou reprovação.

Sobre a avaliação contínua, modelo atualmente bastante defendido nos discursos dos professores, e muito citado nas respostas analisadas dadas professores, Vasconcelos (1998, p. 58) nos fala que:

A avaliação deve ser contínua para que possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. A avaliação contínua que importa é aquela que é feita no processo, quando o professor pode estar acompanhando a construção do conhecimento pelo educando: avaliar na hora que precisa ser

avaliado, para ajudar o aluno a construir o seu conhecimento, verificando os vários estágios do desenvolvimento dos alunos e não julgando-os apenas num determinado momento. Avaliar o processo e não apenas o produto, ou melhor, avaliar o produto no processo.

Mas na prática docente, a grande maioria dos professores desconsidera a avaliação contínua e acabam por usar mais as provas; sendo está mais para avaliar o desempenho, num determinado momento, situação totalmente diferente do que seria uma avaliação contínua. Não foi atua que nas respostas dos professores dadas ao questionário, a palavra prova foi a mais citada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou da avaliação escolar no “olhar dos professores”, enfatizando qual o discurso dos mesmos em relação à avaliação. Buscamos investigar o processo histórico e definições da avaliação escolar, e em seguida fizemos análises das respostas dadas por 10 professores as perguntas “o que é avaliação?”, “para que ser a avaliação?” e “que tipo de avaliações você utiliza?”.

Diante da investigação do processo histórico por qual passou o conceito de avaliação, das pesquisas de autores que são especialistas no assunto e das respostas dos professores que estão em sala de aula, podemos constatar que a avaliação escolar é assumida no discurso dos professores como parte integrante do processo ensino aprendizagem, mas que neste mesmo discurso ainda encontramos a presença da concepção tradicional da avaliação, principalmente quando citam a prova como instrumento para medir o que o aluno aprendeu. Notamos que ao definir a avaliação escolar muitos professores não citam o termo prova, demonstrando que de

fato o debate tem provocado resultados importantes no tocante à superação do ensino tradicional e em especial as forma de avaliar.

É possível encontrar no discurso dos professores termos usados por especialistas em avaliação, como por exemplo, avaliação contínua; sendo este fato mais uma evidência de que a incorporação da avaliação como parte integrante de todo o processo de ensino e aprendizagem é uma realidade e aderido, pois dificilmente encontramos professores que são contra a avaliação contínua. Além do mais, outros vários “tipos de avaliações” são citados, a exemplo de discussão orientada, produção de textos, trabalhos, pesquisas dirigidas, mapas conceituais, participação, seminários, projetos, debates, entre outros.

As diversas referências aos vários “tipos de avaliações” que estão nas respostas dos professores que participaram da nossa pesquisa comprovam que está chegando às salas de aulas os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores da área.

Para que toda essa concordância sobre as várias formas de avaliar seja de fato traduzida para a realidade do trabalho docente e produza os resultados almejados, cabe ao professor estudar e praticar; reconhecer os desafios e não desistir da avaliação escolar como parte do processo ensino e aprendizagem.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Júlia Falivene. Avaliação Educacional - da teoria à prática; organização: Andrea Ramal. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

BLAYA, Carolina. Processo de Avaliação. Disponível em <http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_07_20_tex.htm> , acesso em: 30 de agosto de 2014.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2019. (11º ed. rer. E atual. Ortog)

_____, Avaliação mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993. 2ª edição.

_____, Jussara. Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista. 43ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação de aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática, Salvador, Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

VASCONCELLOS, C. dos S. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2005.

APENDICES

APENDICE A – QUESTIONÁRIO

Pesquisa: A teoria e a prática da avaliação escolar no discurso dos professores

Pesquisador: Reginaldo Borges Barbosa

Equipamento: Folha de papel A4 e caneta esferográfica azul.

Local: dependências da E.E.E.F.M. Professor Raul Córdula.

Questionário

1. Qual a sua formação?
2. Há quanto tempo exerce a docência?
3. O que é avaliação escolar?
4. Para que serve avaliação escolar?
5. Quais os tipos de avaliação que você utiliza?